

Colleen Oakley

Escolha n.º 1 do *Romantic Times*



# PERTO DEMAIS

É possível sentir falta de algo  
que nunca se teve?

«Um romance que faz as delícias dos fãs  
de Jojo Moyes e de comédias românticas  
passadas entre pilhas de livros.»

BOOKLIST



TOP  
SEL  
LER

*Para a minha irmã mais velha, Megan,  
por todas as razões.*

*Não quero aprender, não quero dignidade ou respeitabilidade.*

*Quero esta música, este amanhecer,  
e o calor da tua face contra a minha.*

R U M I



PARTE I

*Por muito reservada que sejas,  
alguém te encontrará, um dia destes.*  
Haruki Murakami, 1Q84

(Vinte anos antes)

*The New York Times*

---

---

A RAPARIGA EM QUE NINGUÉM PODE TOCAR  
por William Colton

À primeira vista, Jubilee Jenkins é a típica aluna do 3.º ano. Sabe dizer (e dirá, se lho pedirem) os nomes das três Powerpuff Girls que adornam a parte da frente da sua minúscula t-shirt. Ela troca propositadamente as cores das meias, pois essa parece ser uma exigência da moda na escola primária de Griffin, e prende o cabelo fino e castanho-avermelhado com elásticos coloridos.

E, tal como muitas outras alunas americanas do 3.º ano, Jenkins sofre de uma alergia. Segundo relatórios da Orga-

nização Mundial da Alergia, a asma e as alergias, incluindo as alergias alimentares, têm vindo a aumentar nas crianças desde meados dos anos 80, o que está a gerar preocupação crescente junto dos especialistas.

Mas Jenkins não é alérgica a manteiga de amendoim, picadas de abelha ou pelo de animais, nem a nenhum dos alérgenos mais comuns.

Jubilee Jenkins é alérgica às outras pessoas.

Quando nasceu, em 1989, Jubilee, filha de Victoria Jenkins,

mãe solteira, era uma criança como outra qualquer. «Ela era perfeitamente saudável. Com 7 semanas, dormia a noite inteira, e começou a andar aos 10 meses», diz a mãe. «Só começou a ter problemas aos 3 anos.»

Foi então que a Sra. Jenkins, que acabara de ser promovida a gerente da Belk, em Fountain City, no Tennessee, começou a reparar nas erupções cutâneas de Jubilee. E não eram apenas alguns altos.

«Era horrível. Apareciam-lhe umas babas enormes, urticária que lhe provocava uma comichão louca, longas extensões de pele escamosa, nos braços e no rosto», diz Jenkins. «Dava gritos lancinantes com as dores.» Em seis meses, a Sra. Jenkins foi ao médico de família e às urgências do hospital mais de 20 vezes, mas de nada serviu. Jubilee teve tam-

bém de ser reanimada três vezes com uma EpiPen, uma injeção de adrenalina, por choque anafilático. Os médicos estavam perplexos.

E assim continuaram nos três anos seguintes, sujeitando-a a todos os testes de alergias disponíveis no século XX.

«Os bracinhos dela pareciam alfineteiras», diz Jenkins. «Também em casa tentámos tudo: mudámos de detergentes, mantínhamos um diário alimentar, removemos toda a alcatifa, voltámos a pintar as paredes. Eu até deixei de fumar!»

Só depois de conhecerem o Dr. Gregory Benefield, alergologista e professor associado na Universidade de Emory, em Atlanta, começaram, finalmente, a obter algumas respostas. **(Continua na página 19B)**

---

UM



## JUBILEE

Uma vez, um rapaz beijou-me e eu quase morri. Compreendo que se possa facilmente entender isto como um melodrama de adolescente, dito num tom de voz estridente, pontuado por guinchos. Mas eu não sou uma adolescente, e digo-o no sentido mais literal. O incidente desenrolou-se mais ou menos assim:

Um rapaz beijou-me.

Comecei a sentir um formigueiro nos lábios.

A minha língua inchou até me encher a boca.

A garganta fechou-se e eu não conseguia respirar.

Desmaiei.

Perder os sentidos depois do teu primeiro beijo já é humilhante só por si, mas pior ainda é descobrires que o rapaz foi desafiado a beijar-te, numa aposta. Que os teus lábios são de tal forma inacessíveis, que foi preciso oferecer-lhe 50 dólares para o persuadir a colar a sua boca à tua.

Mas aqui está a ironia: eu sabia que podia morrer. Pelo menos, em teoria.

Aos 6 anos foi-me diagnosticada uma dermatite de contacto, tipo IV, decorrente do contacto com células cutâneas de outras pessoas. Isto é terminologia médica para dizer que sou alérgica às outras pessoas.

Sim, *peessoas*. E sim, é de tal forma rara, que se pode dizer que sou uma das poucas pessoas que a teve ao longo da História. Basicamente, fico cheia de babas e urticária, quando a pele de outra pessoa entra em contacto com a minha. Na opinião do médico que finalmente me diagnosticou, as minhas graves reações alérgicas — os choques anafiláticos que sofri — decorriam de uma reação excessiva do meu corpo a um contacto cutâneo prolongado, ou a um contacto oral, ao beber do copo de alguém e absorver a sua saliva, por exemplo. «*Nada de partilhar comida e bebidas. Nada de toques, abraços ou beijos. Podes morrer*», disse ele. Mas eu era uma miúda de 17 anos, com as palmas das mãos suadas e os joelhos trémulos, a escassos milímetros dos lábios de Donovan Kingsley. Não estava propriamente a pensar nas consequências, mesmo que estas fossem mortais. Atrevo-me até a dizer que, naquele momento — nos segundos empolgantes em que senti os seus lábios sobre os meus —, quase achei que valia a pena correr o risco.

Até saber da aposta.

Quando cheguei a casa do hospital, fui diretamente para o meu quarto e não voltei a sair, embora o último ano do secundário só terminasse daí a duas semanas. O diploma foi-me enviado por correio mais tarde, nesse verão.

Três meses depois, a minha mãe casou-se com o Lenny, proprietário de uma cadeia de estações de serviço em Long Island. Fez uma única mala de roupa e foi-se embora.

Isto foi há nove anos, e desde então que não saio de casa.



Não acordei uma manhã e pensei: «*Vou tornar-me uma eremita*». Nem sequer gosto da palavra eremita. Faz-me lembrar aquela aranha letal, sempre à espera de inocular o seu veneno na primeira criatura que se cruzar no seu caminho.

Só que depois desse primeiro beijo, dessa experiência quase letal, eu não quis voltar a sair de casa, com receio de encontrar alguém da escola, o que até é compreensível, julgo eu. E foi o que fiz. Passei



esse verão no meu quarto, a ouvir Coldplay em *loop* e a ler. Fartei-me de ler.

A minha mãe costumava gozar comigo por isso.

— Estás sempre de nariz enfiado num livro — dizia ela, revirando os olhos.

Mas não eram só livros. Lia também revistas, jornais, brochuras, qualquer coisa que estivesse à mão, e retinha grande parte da informação, sem muito esforço.

Ela gostava dessa parte. Costumava pedir-me para falar dos estranhos conhecimentos que fora acumulando ao longo do tempo, na presença das amigas (que eram poucas) ou dos namorados (que eram mais do que muitos). Como, por exemplo, o facto de o *Malurus Cyaneus* ser a espécie de aves menos fiel do planeta, ou que a pronunção original de Dr. Seuss rimava com «Joyce», ou que o Leonardo da Vinci inventara a primeira metralhadora (o que não devia ser motivo de surpresa para ninguém, visto que inventara milhares de coisas).

Depois, ficava com um ar radiante, encolhia os ombros, sorria, e dizia:

— Não sei de onde ela veio.

Sempre me interroguei se isso não seria em parte verdade, pois de todas as vezes que me atrevi a perguntar alguma coisa sobre o meu pai — como, por exemplo, o seu nome —, ela enervava-se e respondia algo do género:

— Que importância tem isso? Ele não está aqui, pois não?

Em suma: eu era uma aberração em crescimento, e não apenas por não conhecer o meu pai ou conseguir recitar factos aleatórios, pois tenho quase a certeza de que não sou a única, mas devido ao meu *problema*. Era como as pessoas se referiam a ele: um *problema*. Graças ao meu *problema*, a minha secretária na escola primária tinha de ficar pelo menos a dois metros e meio das outras, e eu tinha de me sentar sozinha num banco, durante o recreio, a ver os outros miúdos fazerem comboios no escorrega, jogarem ao Arrebenta, e baloiçarem-se sem esforço nas barras. Tinha de andar de manga comprida, calças e luvas — cobrir cada centímetro de pele —, não fossem os miúdos, de quem me mantinham sempre tão distante, ultrapassar

acidentalmente os limites da minha bolha pessoal. E ficava estarecida a ver as mães apertarem descontraidamente os pequenos corpos dos filhos, quando os iam buscar, tentando recordar-me dessa sensação.

Combine-se tudo isso — o meu *problema*, o incidente quase fatal do beijo e o abandono da minha mãe — *et voilà*: a receita perfeita para o eremitismo.

Ou talvez não seja nada disso. Talvez eu goste simplesmente de estar sozinha.

Seja lá o que for, aqui estamos.

E agora receio ter-me tornado no Boo Radley<sup>1</sup> da vizinhança. Não estou pálida, nem tenho ar de doente, mas temo que os miúdos da rua comecem a interrogar-se sobre mim. Talvez eu espreite demasiado pela janela enquanto eles andam nas suas *scooters*. Encomendei cortinas de painel, azuis, e coloquei-as em todas as janelas há alguns meses, e agora tento esconder-me atrás delas e espreitar, mas receio que isso pareça ainda mais assustador, quando sou apanhada. Contudo, é mais forte do que eu. Gosto de os ver brincar, o que parece de facto assustador, quando dito desta forma. Mas gosto de os ver a divertirem-se, enquanto testemunhos de uma infância normal.

Uma vez, um dos miúdos olhou-me nos olhos, e depois virou-se para o amigo, disse-lhe qualquer coisa e ambos se riram. Não os conseguia ouvir, por isso imaginei que ele dissera algo como: «Olha, Jimmy, lá está aquela senhora simpática e bonita, outra vez.»

Embora desconfie que tenha sido algo mais deste género: «Olha, Jimmy, é aquela mulher maluca que come gatos.»

Para que conste: eu não como gatos, mas o Boo Radley também era um bom homem, e era isso que todos diziam acerca dele.



O telefone está a tocar. Levanto os olhos do livro e finjo pensar em não atender, mas sei que o farei. Mesmo que isso signifique levantar-me do assento fundo e gasto da minha velha poltrona de veludo,

---

<sup>1</sup> Personagem eremita da obra *Por Favor Não Matem a Cotovia*, de Harper Lee. [N. da T.]

e dar 17 passos até à cozinha (sim, contei-os), para atender o meu telefone fixo, cor de mostarda, visto que não tenho telemóvel. Mesmo sabendo que deve ser um dos vendedores de telemarketing, que me telefonam regularmente, ou a minha mãe, que apenas me telefona três ou quatro vezes por ano. Mesmo estando na parte do livro em que o detetive e o assassino estão finalmente na mesma igreja, depois de andarem a brincar ao gato e ao rato nas 274 páginas anteriores. Atenderei o telefone pela mesma razão que o atendo sempre: porque gosto de ouvir a voz de outra pessoa. Ou talvez porque goste de ouvir a minha própria voz.

— *Triiiiiimmm!*

Levantar.

Pousar o livro.

Dezassete passos.

— Estou?

— Jubilee?

É uma voz masculina que não reconheço. Penso no que estará a vender. Uma casa de férias? Um novo serviço de Internet com downloads oito vezes mais rápidos? Talvez esteja a fazer um inquérito. Uma vez passei 45 minutos a falar com alguém sobre os meus sabores de gelado preferidos.

— Sim?

— É o Lenny.

Lenny, o marido da minha mãe. Só o vi uma vez, há anos, durante os cinco meses em que ele e a minha mãe namoraram, antes de ela se mudar para Long Island. O que melhor recordava dele? Tinha bigode e estava sempre a fazer-lhe festas, como se o bigode fosse um cão fiel agarrado à sua cara. Era também formal a ponto de se tornar incomodativo. Embora fosse baixo, lembro-me de sentir que tinha de lhe fazer uma vénia, como se ele fosse da realeza ou algo assim.

— Ok.

Ele pigarreia.

— Como estás?

Os pensamentos sucedem-se. Tenho quase a certeza de que isto não é uma chamada de cortesia, porque o Lenny nunca me telefonou antes.

— Estou bem.

Ele pigarreia de novo.

— Bem, vou direto ao assunto. A Victoria, a Vicki... — A voz fraqueja-lhe e ele tenta disfarçar tossindo um pouco, o que lhe provoca um verdadeiro ataque de tosse. Eu seguro o auscultador contra o ouvido, com ambas as mãos, e fico a ouvi-lo tossir. Será que ainda tem bigode?

Depois de lhe passar o ataque de tosse, o Lenny inspira em silêncio e diz:

— A tua mãe morreu.

Deixo a frase assentar dentro do ouvido, como uma bala presa entre os dentes de um ilusionista, pois não quero que avance mais.

Ainda a segurar no auscultador, encosto-me ao papel de parede, alegremente ornamentado com cerejas vermelhas aos pares, e escorrego até ficar sentada no linóleo estragado, pensando na última vez que vi a minha mãe.

Usava um conjunto de camisola e casaco de malha lilás, dois números abaixo do seu, e um colar de pérolas. Foi três meses depois do Beijo Quase Mortal do Rapaz. Como disse antes, passei praticamente todo o verão no meu quarto, mas também gastei uma considerável quantidade de tempo a dirigir olhares furiosos à minha mãe, sempre que me cruzava com ela no corredor, por achar que tal incidente jamais teria ocorrido se não nos tivéssemos mudado de Fountain City, Tennessee, para Lincoln, Nova Jérсия, três anos antes.

Para ser honesta, esse era o menor dos seus pecados enquanto mãe, mas era o pretexto mais recente e tangível para estar furiosa com ela.

— Este é o meu novo eu — disse, rodopiando no fundo das escadas. O movimento espalhou um odor enjoativo a baunilha, do desodorizante que usava.

Eu estava sentada na poltrona de veludo, a reler *A Abadia de Northanger*, de Jane Austen, e a comer bolachas de menta com cobertura de chocolate, de uma embalagem de plástico.

— Não pareço mesmo a esposa de um milionário?

Não. Parecia uma June Cleaver<sup>2</sup> em versão galdéria. Voltei a baixar os olhos para o livro.

Ouvi o costureiro restolhar do celofane, quando tirou o maço de cigarros do bolso de trás, e depois o estalido do isqueiro.

— Vou-me embora daqui a algumas horas, sabes? — Exalou o fumo e sentou-se à minha frente, no sofá.

Eu levantei os olhos e ela apontou para a única mala que fizera, junto da porta.

— É só isso que levas? — perguntara-lhe eu nessa manhã.

— O que mais precisaria de levar? O Lenny tem tudo. — Depois riu baixinho, o que me pareceu tão estranho como estar agora de colar de pérolas, camisola e casaco de malha, e rodopiar sobre si própria.

— Sim, sei — respondi. Os nossos olhos cruzaram-se e pensei na porta do meu quarto a ranger suavemente, na noite anterior, quando estava deitada. Eu sabia que era ela, mas mantive-me imóvel e fiz de conta que estava a dormir. Ela ficou lá bastante tempo — tanto tempo que acho que adormeci antes de se ir embora. Não sei se foi imaginação minha ou se a ouvi realmente fungar e chorar. Agora pergunto-me se estaria a arranjar coragem para dizer alguma coisa, para um desses momentos profundos entre mãe e filha ou, no mínimo, para reconhecer as suas fracas competências de mãe. Depois disso íamos rir e diríamos algo banal, como: «Bom, pelo menos conseguimos sobreviver, certo?»

Mas, sentada no sofá, ela limitou-se a dar mais uma passa no cigarro e disse:

— Estou apenas a tentar dizer que não precisas de ser tão desagradável.

Ah, bom.

Não sabia bem o que responder, por isso tirei outra bolacha da embalagem, meti-a na boca, e tentei não pensar no ódio que sentia por ela, e em como odiá-la me pesava na consciência a ponto de me odiar a mim própria.

Ela suspirou e exalou o fumo.

---

<sup>2</sup> Protagonista da série americana *Leave it to Beaver* — o arquétipo da mãe suburbana, dos anos 50. [N. da T.]

— Tens a certeza de que não queres vir comigo? — questionou, apesar de saber a resposta. Para ser franca, ela perguntara-mo diversas vezes de formas diferentes, nas últimas semanas. «*O Lenny tem imenso espaço. Provavelmente ficarias com uma casa de hóspedes só para ti. Não te irás sentir só, aqui sozinha?*» Esta última fez-me rir. Talvez fosse algum fator biológico natural numa adolescente, mas eu estava morta por me afastar da minha mãe.

— Sim, tenho a certeza — retorqui eu, virando uma página.

Passámos a derradeira hora que passaríamos juntas em silêncio — ela a fumar cigarro atrás de cigarro, e eu a fingir-me absorta na leitura. Depois, quando a campainha tocou a anunciar a chegada do motorista, levantou-se bruscamente, compôs o cabelo, e olhou para mim uma última vez.

— Cá vou eu — disse ela.

Eu acenei com a cabeça. Queria dizer-lhe que estava bonita, mas as palavras ficaram-me entaladas na garganta.

Ela pegou na mala, saiu, e a porta fechou-se lentamente atrás dela.

E eu ali fiquei, de livro no colo e com uma embalagem de bolachas vazia ao meu lado. Meio cigarro ardia ainda lentamente no cinzeiro, em cima da mesa de café, e eu senti uma tentação enorme de pegar nele, levá-lo aos lábios — mesmo sabendo que me poderia matar — e cheirar a minha mãe uma última vez.

Mas não o fiz. Fiquei apenas a vê-lo arder.

E agora, nove anos depois, a minha mãe morreu.

A notícia não surgiu propriamente do nada, pois há cerca de dez meses ela avisara que a crosta suspeita que tinha no couro cabeludo, e que não cicatrizava, fora diagnosticada como um melanoma. Depois, rira e tossira ao mesmo tempo, e dissera:

— Sempre achei que seriam os pulmões a tramar-me.

Mas a minha mãe tinha tendência para ser demasiado dramática. Como daquela vez em que foi mordida por um mosquito e ficou três dias esparramada no sofá, convencida de que tinha o vírus do Nilo Ocidental. Por isso, não podia ter a certeza se o facto de dizer, nos meses seguintes, que estava a morrer, decorria de um diagnóstico real de um médico ou era mais um dos seus rebuscados estratagemas para chamar a atenção.

Pelos vistos era um diagnóstico real.

— O funeral é na quinta-feira — diz o Lenny. — Queres que te mande um motorista?

O funeral, em Long Island. Era como se tivesse um punho gigante a apertar-me o peito, lentamente, até me roubar por completo o ar. Será isto o princípio da dor? Estarei já a chorar a sua morte? Ou será a ideia de sair de casa que me está a comprimir os órgãos vitais? Vá-se lá saber.

O que sei é que não quero ir — há nove anos que não quero ir a *lado nenhum* — mas dizê-lo em voz alta faria de mim uma pessoa horrível. Quem se recusa a ir ao funeral da sua própria mãe?

Sei também que o *Pontiac* da mãe, que está há nove anos parado em frente à garagem, dificilmente fará a viagem.

Tento a custo recuperar o fôlego, esperando que o Lenny não se aperceba do esforço que estou a fazer para respirar.

Finalmente, respondo:

— Não precisas de mandar o motorista, eu desenrasco-me.

Segue-se um momento de silêncio.

— Começa às dez da manhã. Enviar-te-ei um e-mail com o endereço — diz o Lenny e, depois disso, sinto uma mudança de atmosfera entre nós. A sua voz endurece, como se estivesse a conduzir uma reunião de administração, e não a abordar a morte da mulher com a enteada que nunca reclamou. — Sei que talvez não seja o momento oportuno de falar nisto, mas quero que saibas que a tua mãe te deixou a casa, livre de encargos. Eu paguei o remanescente da hipoteca e vou transferir a escritura da casa e o registo de propriedade do carro dela, se ainda o tiveres aí. Quanto aos cheques que ela te estava a mandar... achei que deveria informar-te o mais depressa possível de que não tenciono manter essa tradição em particular, e que terás de arranjar outra... outra solução.

Sinto-me corar ao ouvir falar do meu parasitismo, e resisto à tentação de desligar o telefone. Sinto-me uma fracassada — como aqueles homens de 30 anos que vivem na cave da casa dos pais, a quem as mães ainda lavam as cuecas e que ainda apapricam com tostas de queijo grelhado, com as côdeas aparadas — e, de certa forma, sou mesmo.

O primeiro cheque chegou uma semana depois de ela partir.

Pousei-o em cima da mesa da cozinha e, durante três dias, olhei para ele sempre que lá passava. Estava decidida a deitá-lo fora. Talvez a mãe quisesse viver à custa do Lenny durante o resto da vida, mas eu não estava interessada nisso.

Mas depois chegou a conta da eletricidade, e a seguir a da água, e depois a prestação da hipoteca.

E eu levantei o cheque.

Tinha 18 anos e estava desempregada, ainda a tentar perceber o que fazer com a minha vida, o que envolveria certamente um emprego e formação universitária. Portanto, jurei a mim própria que seria só dessa vez, que não aceitaria mais dinheiro nenhum.

Quando o segundo cheque chegou, três semanas depois, eu continuava sem emprego, mas não me apeteceu sair de casa para o levantar, por isso achei que pusera um ponto final no assunto. Porém, no intervalo de uma intensa partida de *Bejeweled* no computador, fiz uma rápida pesquisa online e descobri que teria apenas de enviar o cheque ao banco, e o dinheiro apareceria magicamente na minha conta.

E depois, ao clicar de novo nas coloridas pedras preciosas, para me deliciar a vê-las desaparecer, perguntei a mim mesma o que mais poderia fazer sem sair de casa.

Bastante, pelos vistos.

Descobrir o que podia fazer ainda de pijama tornou-se um desafio — uma espécie de jogo.

Comida? Entregas Fresh Direct.

Universidade? Concluí uma licenciatura em Literatura Inglesa em 18 meses, numa dessas plataformas online. Não sei até que ponto é legal, mas o papel que me enviaram é real quanto baste. Queria prosseguir e fazer um mestrado, talvez até um doutoramento, mas pagar 400 dólares por cada crédito de uma hora estava a esgotar o orçamento já de si apertado, por isso decidi aproveitar uma série de aulas online que a Harvard oferece, gratuitamente, todos os semestres — *gratuitamente*. Faz-nos pensar o que levará todos aqueles génios a pagar centenas de milhares de dólares para estudarem nas universidades mais conceituadas do país.



O dentista? Usar frequentemente o fio dentário e lavar os dentes depois de todas as refeições. Não tenho tido nem uma dor de dentes, e atribuo-o à minha excelente higiene dentária. Comecei até a achar que a medicina dentária é uma fraude.

Quando um dos meus vizinhos deixou um bilhete na porta, a avisar-me de que a minha relva estava a atingir uma altura incontrollável, e que agradecia que eu tratasse do meu relvado, a bem da «integridade» do bairro, contratei um serviço de jardinagem uma vez por mês, e deixava-lhes o cheque por baixo do tapete da entrada.

O lixo era um desafio mais complicado, pois não sabia como o levar até ao passeio sem sair de casa. Não é que não o pudesse fazer, claro, mas estava determinada a evitá-lo. Para resolver essa última parte do puzzle, embora não me orgulhe do que fiz, liguei ao serviço de recolha de lixo da cidade e disse-lhes que era deficiente. Eles disseram que, se eu conseguisse levar o lixo até ao contentor junto da porta das traseiras, os funcionários iriam recolhê-lo todas as quintas-feiras de manhã. Senti uma pontinha de orgulho pela minha aptidão para o embuste.

Passaram seis meses. Depois um ano. Havia alturas em que parava para pensar se iria ser sempre assim. Se viveria o resto da minha existência daquela forma, sem nunca mais voltar a ver viva alma. Mas, de uma forma geral, limitava-me a acordar todas as manhãs e a viver a minha vida como todas as outras pessoas — evitava pensar muito no futuro, fazia os meus trabalhos para a aula, fazia o jantar, via as notícias — e, no dia seguinte, voltava a levantar-me e a fazer tudo de novo. Nesse aspeto, não me sentia realmente diferente de ninguém.

Embora a minha mãe me telefonasse esporadicamente ao longo dos anos, para se queixar do tempo, de um empregado de mesa grosseiro, de um final menos feliz de uma série de TV, para se gabar de uma das muitas viagens que ela e o Lenny andavam a fazer, ou para me convidar para ir passar um feriado com eles — ainda que soubesse que eu jamais aceitaria —, nunca falámos do dinheiro que ela me mandava. Eu tinha vergonha de o aceitar mas também me convenceira de que, de certa forma, o merecia, de que ela estava em dívida para comigo, por ser egoísta e uma péssima mãe.

Mas nunca fora minha intenção aceitá-lo durante tanto tempo.

— Bem sei que tens esse teu *problema* — continuou o Lenny —, mas nós nunca entendemos isso da mesma...

— Compreendo — respondi-lhe eu, sentindo-me mais humilhada a cada instante. Mas também há ali alguma raiva à mistura — raiva pelo facto de a minha mãe não me ter deixado dinheiro nenhum, além da casa e do carro (ainda que reconheça que isso é uma ingrati-dão), mesmo sabendo que, tecnicamente, o dinheiro é do Lenny. Ou talvez esteja furiosa comigo mesma, por me ter tornado tão dependente daqueles cheques mensais, ou, quiçá, não tenha nada a ver com o dinheiro. É possível que esteja furiosa comigo mesma por não ter aceiteado uma única vez os convites dela para que os visitasse, ou por nunca a ter convidado para me visitar. É curioso como se esquecem momentaneamente todos os defeitos de alguém que morre, como, por exemplo, o facto de ser emocionalmente esgotante falar com ela ao telefone. Eu nem sequer a queria ver pessoalmente e agora... agora é tarde demais.

— Bom, então... — diz o Lenny.

Não temos mais nada a dizer um ao outro, por isso espero que ele se despeça, mas depois o silêncio prolonga-se tanto, que penso se ele não terá já desligado sem que eu desse por isso.

— Lenny? — digo eu, no preciso momento em que ele diz:

— Jubilee, na verdade, a tua mãe... — Mas volta a faltar-lhe a voz. — Sabes como é.

Não sei, não. A minha mãe o quê? Gostava de blusas justas? Fumava demais? Era insuportável? Fico agarrada ao telefone muito tempo depois de ele ter desligado, na esperança de ouvir o que ia dizer. Na esperança de que as suas palavras tivessem ficado, de alguma forma, presas no éter que nos separava, e se materializassem a qualquer momento. Quando aceitei que isso não ia acontecer, deixei cair o auscultador no chão, ao meu lado.

Passaram-se minutos ou talvez horas, mas eu não me mexi, nem mesmo ao ouvir uma sequência ininterrupta de bipes do auscultador, como que a dizer-me para desligar o telefone.

A minha mãe morreu.

Olho em redor, comparando o antes e o depois, para ver se deteto diferenças subtis na cozinha. Se encontrar alguma, talvez isso seja a prova de que entrei num universo paralelo, e de que a mãe ainda pode estar viva no outro — o real. Ou talvez tenha lido demasiadas vezes o 1Q84.

Respiro fundo e sinto as lágrimas aflorarem-me aos olhos. Não tenho grande inclinação para exteriorizar emoções, mas hoje deixo-as fluir livremente.



Ser eremita tem as suas vantagens, como, por exemplo, demorar apenas seis minutos a lavar o prato, a caneca e o garfo que uso todos os dias (sim, cronometrei o tempo). Além disso, nunca tenho de falar de trivialidades. Não tenho de acenar com a cabeça e sorrir quando alguém diz:

— Ouvi dizer que vai chover hoje.

Nem murmurar algo de fútil em resposta, do género:

— A relva bem precisa.

Não tenho de me preocupar com o tempo, ponto final. Está a chover? O que interessa isso? Não vou sair para a chuva.

Mas também tem desvantagens. Como quando estou deitada na cama, à noite, a escutar o silêncio sepulcral na rua, e dou comigo a pensar que é bem possível que só reste eu à face da Terra. Ou que, se houvesse uma guerra civil, uma pandemia de gripe ou um apocalipse de *zombies*, ninguém se lembraria de me avisar, porque já ninguém se lembra de que estou aqui. Nessas noites costumava pensar na minha mãe — ela ligar-me-ia, não se esqueceria de me avisar —, o que me reconfortava imensamente.

Mas agora ela morreu, e eu estou deitada na cama, a ouvir o silêncio da noite e a pensar: *quem irá lembrar-se de mim agora?*



A quinta-feira começa como um dia normal: desço as escadas, faço dois ovos estrelados e uma torrada (cortada em pequenos

pedaços, desde que me engasgara com uma, há quatro anos) e como enquanto leio as notícias online. Mas depois, em vez de clicar na aula seguinte do meu curso de Harvard (esta semana era: *Finalmente Shakespeare: As Últimas Peças*), vejo-me forçada a encarar o facto de que este não é um dia normal.

Vou ter de sair de casa.

Sinto o coração disparar só de pensar nisso, por isso tento distrair-me com um problema mais imediato: não tenho roupa para usar no funeral da minha mãe. As únicas peças de roupa preta que tenho são umas calças de fato de treino e uma camisola de capuz a condizer. Não é propriamente a roupa adequada para levar a um funeral.

Lá em cima, percorro o corredor até ao quarto da minha mãe e paro à entrada. Durante nove anos mantive o seu quarto exatamente como estava no dia em que se foi embora. Mas não de uma forma sinistra, como a menina Havisham<sup>3</sup>. Não há nenhum bolo de noiva por comer em cima da mesa. Convenci-me de que o deixara assim por não saber o que fazer com as suas coisas, mas, em parte, agradava-me a ideia de as manter onde sempre tinham estado. Como se ela pudesse, um dia, voltar para o seu quarto.

Só que agora sei que não voltará.

Junto do roupeiro, olho para a sua coleção de saias travadas dos anos 90, do tempo em que era empregada num armazém de revenda. Lembro-me de experimentar a sua roupa, em criança, quando ela estava a trabalhar, de me sentir a nadar dentro dela e de inalar o seu odor adocicado. Chegava a deitar-me na sua cama e a embrulhar-me nos seus cobertores, fingindo que eram os seus braços. Isso era contra as regras. Os médicos avisaram que, embora eu parecesse apenas reagir ao contacto de pele com pele, ainda assim teria de ter cuidado perto de coisas que estivessem em contacto prolongado com outras pessoas, como lençóis de cama e toalhas. «*As alergias são traiçoeiras*», diziam eles. Mas eu corri esse risco e, felizmente, nunca tive qualquer

---

<sup>3</sup> Importante personagem da obra *Grandes Esperanças*, de Charles Dickens. Uma solteirona que vive numa mansão decrepita, descrita por Dickens como «a bruxa da casa». [N. da T.]

reação. Era o meu pequeno gesto de rebelião, mas era algo mais, também: a única forma de me sentir perto dela.

Tiro um casaco preto, de um fato, de um cabide de arame, e visto-o por cima do top de alças branco com que dormi.

Viro-me e olho para o espelho ornamentado, pendurado por cima da cómoda da mãe, e examino-me pela primeira vez em anos. A constatação de que outras pessoas vão olhar para mim e ver o que eu vejo no espelho dá-me a volta ao estômago. Há anos que não corto o cabelo decentemente, optando por lhe dar uns cortes aqui e ali, com a tesoura das unhas, o que está à vista. O meu cabelo sempre fora rebelde, mas crescera especialmente desgovernado e emaranhado, na liberdade que lhe dei, com madeixas castanhas encaracoladas, caídas em todas as direções, desde o alto da cabeça até aos ombros. Tento alisá-las com a palma da mão, mas é inútil.

Depois lembro-me do resto do fato e experimento a saia. Dou comigo a olhar para os chumaços nos ombros. É como se alguém me estivesse a fazer uma pergunta e eu os estivesse a encolher, para mostrar que não sei a resposta. O resto do fato não me cai muito bem. A minha mãe tinha uns seios enormes, mas, tirando isso, era uma coisinha minúscula, e embora eu seja pouco maior do que ela, as mangas ficam-me um pouco curtas e a saia demasiado apertada na cintura. Mas terá de servir.

Ao curvar-me para escolher um par de sapatos do fundo do armário, sinto um baque no estômago, pois quase poderia jurar que me cheira ao desodorizante de baunilha. Sento-me no chão, levo a lapela do casaco ao nariz, e cheiro-a.

Mas o tecido cheira-me apenas a mofo.



Cá em baixo, tiro a minha mala de cima da consola junto da porta e vasculho o interior, olhando para as duas EpiPens em tons de amarelo-vivo, largadas no fundo da mala. Há anos que ultrapassaram o prazo de validade, mas eu convenço-me de que ainda me poderão valer numa emergência. Depois pego nas luvas, pensando se as devo

calçar. Em criança, sempre as achei um exagero. Na escola primária usava luvas tricotadas amarelas, e no secundário outras mais adultas, mas igualmente estranhas, de pele. Não é que eu estivesse sempre a tentar tocar nas pessoas, ou elas em mim. Não é assim tão difícil evitar tocar em alguém, sobretudo quando nos tratam como párias, mas depois lembro-me de que há muitas outras formas de as pessoas se tocarem acidentalmente: a trocarem dinheiro em caixas registadoras, num aperto de mão, roçando um braço no nosso, ao passarem apressadamente por nós.

Decido calçar as luvas.

E depois, antes que mude de ideias, agarro bruscamente nas chaves que estão em cima da consola junto da porta, giro o puxador e saio para o exterior.

A luminosidade do céu azul de setembro ofusca-me, e eu franzo os olhos e ergo uma mão para os proteger dos raios de sol. São 7h34 da manhã e eu estou cá fora. No alpendre da entrada. Embora abrisse brevemente a porta, durante a noite, para recolher as encomendas que o carteiro lá deixava e a comida que encomendava semanalmente, não me lembrava da última vez que ali estivera à luz do dia.

Sinto o sangue fluir-me à cabeça e agarro-me à porta, entontecida. Sinto-me exposta. Como se tivesse um milhar de olhos pregados em mim. O ar em meu redor parece demasiado agitado e instável, como se uma corrente de ar pudesse pegar em mim e lançar-me no mundo contra a minha vontade.

Faço um esforço para mover o pé e dar um passo em frente, mas este não se move. É como se estivesse precariamente parada à beira de um penhasco, e me bastasse dar um passo em frente para me precipitar no abismo. Como se o mundo me fosse devorar inteira.

É então que oiço os estrondos e rangidos metálicos do camião do lixo, que está a virar para a minha rua.

Petrifico.

É quinta-feira. Dia da recolha do lixo.

Sinto o coração martelar-me o peito, como se estivesse prestes a saltar para fora do corpo.

Procuro a maçaneta da porta atrás de mim, giro-a e volto a entrar, fechando firmemente a porta.

Depois, encosto-me a esta e tento abrandar a respiração, para que o meu ritmo cardíaco regresso ao normal.

Normal.

*Normal.*

Olho para as minhas luvas, rio baixinho, e logo a seguir dou uma sonora gargalhada, levando os dedos enluvados à boca para a abafar.

Em que estava eu a pensar? Que podia simplesmente sair de casa e ir ao funeral da minha mãe, como uma pessoa normal?

Se eu fosse normal, teria acenado, ou cumprimentado os homens do lixo. Ou tê-los-ia ignorado por completo e teria entrado no carro, como estou certa de que as outras pessoas fazem, centenas de vezes por ano, sem sequer pensarem no assunto.

Os meus ombros tremem, quando o riso dá lugar ao choro.

Se eu não for ao funeral da minha mãe, o Lenny ficará a pensar onde estou, e tudo o que a minha mãe lhe contou ao longo dos anos, sobre o facto de eu ser uma má filha, se confirmará.

E, embora tudo isso seja problemático, um outro pensamento gravita em torno do meu cérebro, à espera que o deixe entrar. Um pensamento apavorante, do qual talvez já estivesse consciente no meu íntimo, ainda que me recusasse a assumi-lo. Mas não é fácil negá-lo quando estou encostada à porta da frente, dentro de casa, incapaz de acalmar o coração, conter as lágrimas ou parar de tremer.

E esse pensamento é: *Talvez exista outro motivo para eu não sair de casa há nove anos.*

*Talvez seja porque não consigo.*

## DOIS



## ERIC

O peixe está a morrer.

Creio que ainda não está morto, porque quando lhe toco de forma delicada com a extremidade de borracha de um lápis, sacode as barbatanas e nada erráticamente à volta do pequeno aquário de vidro, durante uns dez segundos, até que parece desistir e volta a flutuar para a superfície da água. Porém, não está de barriga para cima. Não costuma ser esse o sinal?

Olho em redor do pequeno apartamento quadrado, como se esperasse que a solução para salvar a vida do peixe se materializasse. Mas é claro que as paredes beges estão nuas. No resto da pequena sala de estar tenho apenas o meu sofá, uma mesa de café de tampo de vidro, e alguns caixotes com as palavras SALA DE ESTAR escritas a marcador preto, de lado. O lápis parece ser a minha única esperança.

Volto a tocar no peixe e olho por cima do ombro, como se um representante da PETA fosse lá estar para me sacudir um dedo na cara. Estou certo de que isto é equivalente a maus-tratos, mas preciso que este peixe sobreviva, pelo menos durante os próximos 15 minutos, e o lápis é a minha única esperança.

O peixe termina a sua estranha dança e volta a flutuar.

Meu Deus.



— O que estás a fazer?

A vizinha prega-me um susto.

— Nada — respondo, tocando de novo no peixe e pousando depois o lápis. — Estou a alimentar o *Squidboy*.

— Eu já o alimentei ontem à noite. Alimento-o todas as noites.

Viro-me para encarar os grandes olhos escuros e expressivos de Aja, por trás dos seus óculos de aros metálicos, e volto a deixar-me maravilhar pelo facto de me fazer sentir tantas vezes como se eu fosse a criança e ele o adulto. Embora seja a imagem acabada do pai, Dinesh — a pele cor de bolota, o cabelo negro e sedoso, e aquelas pestanas longas, dignas de um anúncio de rímel —, é o oposto dele em termos de personalidade. O que Dinesh tinha de impulsivo, encantador e atraente, Aja tem de cauteloso, calado e introspetivo. Creio que é mais parecido comigo.

— Eu sei — digo, procurando esconder o pequeno aquário de vidro com o corpo. A vida de Aja sofreu demasiadas reviravoltas nos últimos dois anos — os pais faleceram, eu adotei-o, e agora mudamos de New Hampshire — a única cidade que alguma vez conheceu — para Lincoln, Nova Jérsia. Se o puder poupar à morte do peixe, nem que seja apenas por hoje, é o que farei. — Mas ele parecia estar com fome, e eu também tenho fome. Vamos tomar o pequeno-almoço.

Embora continue com um olhar desconfiado, o Aja vira-se e arrasta os pés na direção da cozinha, de mãos nos bolsos e ombros ligeiramente descaídos, o que o faz parecer ainda mais franzino do que é, aos 10 anos.

— Preparado para o teu primeiro dia de escola? — pergunto, dirigindo-me ao lava-loiça para enxaguar a caneca de café do dia anterior com água quente. Talvez seja hoje que encontre as outras canecas dentro de um caixote qualquer, pois já desembalei todos os que diziam COZINHA, e não as encontrei. Uma mudança é a única situação em que consigo parar de acreditar nas leis da natureza, e perceber que há uma outra força dinâmica a atuar. Magia negra? Teletransporte? Não há outra explicação para a forma como as coisas se perdem. As canecas de café deviam estar nos caixotes da cozinha, onde as embalei, e no entanto...

Agarro na pega da cafeteira e verto o líquido escuro na minha caneca. Não devia ter feito uma cafeteira cheia. Depois de ver uma reportagem nas notícias, sobre as terríveis consequências que o excesso de café pode ter para a saúde, prometera a mim mesmo que o meu novo eu beberia apenas uma caneca de café por dia, em Nova Jérsia. Já não me lembro quais são as consequências, mas é provável que envolvam cancro e morte, o que, de resto, parece ser o resultado final de qualquer estudo sobre saúde hoje em dia. Viro-me de novo para o Aja, ao reparar que ele não respondera à minha pergunta.

— Então, companheiro?

Ele está a medir cuidadosamente uma chávena de cereais, para verter na tigela, de acordo com a porção recomendada, e eu sei que a seguir vai medir meia chávena de leite.

Quando termina a sua rigorosa preparação do pequeno-almoço, pega numa colher.

Eu tento de novo.

— Aja?

Apercebo-me de que o digo num tom um pouco desesperado, porque é justamente desesperado que estou. É que continuo a ouvir a voz dela, como se me estivesse a gritar aos ouvidos, embora estejamos agora separados por quatro estados.

*«Tu não sabes falar com a tua própria filha.»*

E essa foi uma das coisas mais simpáticas que a Stephanie me disse, depois do nosso divórcio. Quando nos casámos, estava sempre a queixar-se de que eu tinha dificuldade em perceber sinais, deduzir, ou entender o sentido oculto por trás de palavras e ações (e talvez tivesse razão; será demais pedir às pessoas que digam simplesmente o que pensam?). O certo é que não tive qualquer dificuldade em entender o que ela estava a insinuar naquela noite.

*Tu não és um bom pai.*

Eu não argumentei. Não é fácil ser um bom pai quando apenas se está com a filha fim de semana sim, fim de semana não, e esta está sempre com aqueles auriculares brancos enfiados nos ouvidos, a escrever sabe Deus o quê e a quem no telefone, à velocidade da luz.

Às vezes espreitava por cima do ombro da Ellie, para me assegurar de que ela não estava a trocar mensagens eróticas, pois lera um artigo sobre isso no *Washington Post*. Mesmo que estivesse eu não teria percebido, pois só via um monte de letras maiúsculas que não formavam palavras. Era uma espécie de código e eu senti até uma pontinha de orgulho, por pensar que ela talvez tivesse futuro a escrever linguagem HTML, em Silicon Valley.

De qualquer forma, quando a Ellie e eu tivemos o nosso grande desentendimento, há quatro meses, deduzi uma outra coisa, sem que a Stephanie me dissesse uma palavra, resistindo à tentação de lho fazer notar, mesmo sabendo que ela ficaria impressionada com os meus progressos: a culpa era toda minha.

Devia ter-me esforçado mais e ter estado mais presente. Devia ter conseguido convencer a minha filha de 14 anos a tirar aqueles auriculares dos ouvidos, para ter uma verdadeira conversa ao vivo, comigo. Porque agora ela nem sequer fala comigo, nem mesmo por mensagens de texto codificadas.

Talvez por isso esteja tão desesperado para que o Aja responda a todas as minhas perguntas. Só há dois anos me tornei oficialmente pai dele — *dois anos? O Dinesh já morreu há tanto tempo?* —, mas sei que a ligação entre pai e filho é frágil como uma bola de sabão, e que não é preciso muito para rebentar com ela.

— Eric? — diz o Aja, de olhos postos na tigela de cereais.

— Sim, companheiro? — devolvo eu, abominando a impaciência que sinto na voz.

— Já encontraste uma cadeira de rodas?

Bebo um grande golo de café, sem vontade de abordar aquele assunto logo de manhã, nem em nenhuma outra altura. Na semana anterior, o Aja metera na cabeça que queria mascarar-se de Professor X, dos X-Men, no Halloween, para o qual faltam ainda quase dois meses, faço notar. O Aja gosta de planear as coisas com antecedência. Eu concordei prontamente, sem perceber que a máscara envolvia uma cadeira de rodas. Disse ao Aja que talvez não fosse adequado, visto que ele não tinha nenhuma deficiência, e poderia ser ofensivo para as pessoas que, de facto, tinham.

— Mas o Professor X tem — disse ele sem rodeios. Eu ignorei a observação dele, pois fiquei demasiado abalado para argumentar no momento.

— Ainda não — respondo-lhe agora, e antes de lhe dar tempo de fazer outra pergunta, dou alguns passos, para me aproximar mais dele, e dobro-me pela cintura de forma a ficarmos com o olhar ao mesmo nível. Agora estávamos ambos de olhos fixos na caixa de cereais. — Conseguiste algum resultado hoje? — pergunto, contrariando totalmente as instruções da terapeuta onde levei o Aja, depois de os pais morrerem. «*Não lhe alimente ilusões*», dissera-me ela, no seu tom de voz desagradavelmente nasalado. Mas pareceu-me algo exagerado. Talvez o problema fosse o *Risperdal*, aquela droga que lhe receitaram. Deixava-o de tal forma sonolento que chegava a dormir 17 horas por dia e mal comia. Achei aquilo tão contraproducente que parei de lhe dar os comprimidos e não voltei a pôr lá os pés. O Aja é imaginativo, sim. E depois? Que mal tem isso?

Ele abana a cabeça.

— Nem uma pequena faísca, quanto mais uma chama.

— Uma chama? — Fico um pouco alarmado. — Julgava que estavas apenas a tentar movê-lo com a força da mente.

— Não, esta semana estou a explorar níveis mais avançados. Destruição telecinética, para ser mais específico. — Olha-me de relance. — Significa fazer explodir coisas.

Ah, bom. Coço a face e endireito-me, olhando em redor na pequena cozinha. Os meus olhos detêm-se na lista telefónica, que estava em cima do balcão quando nos mudámos. Interrogo-me se ainda alguém usará listas telefónicas, e penso onde terei deixado o número da terapeuta.

Talvez esteja junto das canecas de café.



Enquanto o Aja lava os dentes e acaba de se arranjar para ir para a escola, vou ver como está o *Squidboy*. Agora está, decididamente, de barriga para cima. Dou-lhe o benefício da dúvida e toco-lhe com

o lápis, mas nada acontece. Suspiro. Talvez o Aja não olhe para o aquário antes de sairmos. Depois terei tempo de ir à loja de animais, escolher uma réplica do *Squidboy*, e rezar para que ele também não repare nisso.

O telefone vibra dentro do meu bolso. Pouso o lápis na prateleira, ao lado do aquário, e pego no telemóvel.

— Viva, Connie — digo eu, saudando a minha irmã. Foi por sua causa que me mudei para aquele bairro sossegado, apenas a 13 quilómetros do horizonte visível de Manhattan. A cidade de Nova Iorque estava fora de questão, pois as rendas eram escandalosas e as escolas públicas péssimas. Mas provavelmente teria optado por uma cidade mais conhecida e populosa, como Hoboken ou Elizabeth, se a Connie não vivesse em Lincoln há oito anos. «*É como voltar atrás no tempo*», disse ela. «*O centro da cidade é muito pitoresco, com umas lojinhas engraçadas, e uma vista maravilhosa sobre o rio. Além disso, as escolas são bastante boas.*» Eu não queria saber do rio para nada, mas a história das escolas e o facto de saber que ficaríamos a viver a poucos quilómetros um do outro, e que ela poderia facilmente dar um salto a minha casa para me ajudar com o Aja, se fosse necessário, convenceu-me.

— Primeiro dia de aulas. — Vai direta ao assunto sem me cumprimentar, no seu estilo de advogada. Sim, os meus pais criaram um contabilista e uma advogada, e embora manifestem frequentemente o orgulho que têm em nós, nos feriados da comunidade protestante anglo-saxónica, quando nos juntamos, por vezes interrogo-me se não terão ficado um pouco dececionados pelo facto de os filhos se terem tornado tão enfadonhos. — Ele está pronto?

Olho para o fundo do corredor. O Aja ainda está na casa de banho.

— Quase pronto, embora me pareça que descobriu um novo hobby potencialmente perigoso: fazer explodir coisas.

— Isso não é habitual nos rapazes?

Eu tento lembrar-me se tive algum fascínio por explosivos durante a infância.

— Acho que nunca passei por isso.

Ela contém uma gargalhada.

— Pois não. No que diz respeito a correr riscos, acho que te podes considerar um caso à parte.

— Ah, posso? — respondo eu. — A propósito... como correu a tua sessão de queda livre no fim de semana passado? E a quinta de cascavéis? Pegaste em muitas?

— Ah! Ah! Muito engraçado.

— Estou só a dizer. Quem tem telhados de vidro... percebes?

— Pois, mas não é de mim que estamos a falar.

— Pois não. Ultimamente, é raro falarmos de ti. — Procuo o meu café na prateleira, junto do aquário de *Squidboy*, e lembro-me de que o deixei na cozinha.

— Bom, não foi a minha vida que implodiu.

— Obrigadinho. Ajuda imenso ouvir isso.

— Não tens de agradecer — diz ela. — Agora a sério, como te estás a aguentar?

— Bem — respondo-lhe, entrando na cozinha e vendo a caneca de café em cima da mesa. Bebo o resto do café e vou ao balcão buscar a cafeteira para me servir de outro. Hoje não beberei mais do que dois. É certamente preferível ir quebrando lentamente um hábito do que fazê-lo de uma vez. — Não encontro as outras canecas de café — digo eu à Connie, e depois dou uma gargalhada.

Como se o desaparecimento das canecas de café fosse o pior dos meus problemas. Atravessei quatro estados, afastando-me da minha ex-mulher e da minha filha, que não me fala. Afastei o meu filho — que lida francamente mal com a mudança — da única cidade que conhece e dos únicos amigos que tem. A cidade onde os pais estão *enterrados*, bolas. Matriculei-o numa escola completamente nova, com miúdos que não conhece. Ah, e agora ele está interessado em fazer explodir coisas, é verdade.

Além disso, o peixe morreu.

— É só por seis meses — diz Connie, ignorando o meu comentário sobre as canecas de café e indo direta ao assunto, como de costume. — Tomaste a atitude certa.

A *atitude certa* é como andar a vida inteira a tentar apanhar um salmão escorregadio à mão, num riacho. A atitude certa é a razão

pela qual eu e a Stephanie nos casámos logo depois de terminarmos o secundário, quando descobrimos que ela estava grávida da Ellie; a razão pela qual adotei o Aja, quando o Dinesh e a Kate morreram na queda de um pequeno avião comercial, embora a Stephanie se opusesse; a razão pela qual permiti que a Ellie ficasse a viver com a mãe, depois do divórcio, embora não desejasse estar longe dela por um dia que fosse.

Mas apesar de me tentar convencer de que a mudança para Lincoln, Nova Jérсия, para substituir a analista financeira sénior durante a sua licença parental, nos escritórios de Nova Iorque, seria mais um passo para entrar na sociedade da empresa, que seria agradável começar de novo, que esta seria uma aventura para o Aja, e que ficaríamos mais perto da minha irmã, isto está a começar a parecer-me um pouco egoísta, algo muito comparável a uma fuga, e nem por sombras a *atitude certa*, a não ser para mim próprio.

— Ellie — digo eu, imediatamente visualizando o seu nariz arrebitado, os seus caracóis finos cor de caramelo, em torno do rosto redondo, os seus olhos de boneca... Mas não. Estou a imaginá-la em criança e não com os 14 anos que tem agora, com o rosto mais alongado, maçãs do rosto bem definidas, e o cabelo alisado com um ferro — onde não resta o mais pequeno vestígio dos seus caracóis —, como aparentemente está na moda. Quando se teria transformado nessa pessoa, nessa jovem *mulher*? E como pode isso ter-me escapado?

Só me apercebo de que disse o seu nome em voz alta quando a Connie me diz num tom mais brando:

— Oh, Eric. Não creio que o sítio onde vives seja de grande importância para a Ellie, neste momento.

E embora eu saiba que é verdade, não consigo explicar porque me dói tanto ouvi-lo.



Está uma manhã de setembro serena e abafada, que lembra mais a atmosfera pesada de agosto do que os dias frescos e ventosos associados ao regresso às aulas.

Quando nos juntamos à fila de veículos, junto à entrada da Escola Primária de Lincoln, engulo todos os clichés de hóquei com que o meu pai me brindara arbitrariamente, ao longo dos anos. «Dá cabo deles, fera. Nunca deixes que te vejam aflito. Sê tu próprio.»

Mas também não sei qual frase seria a mais adequada. Certamente que não a «Sê tu próprio». Adoro o Aja, mas em termos objetivos, tenho de admitir que ele pode parecer um pouco arrogante, antisocial, e até um pouco estranho, quando é igual a si próprio, e essa não será a melhor forma de abordar miúdos do 5.º ano, de quem se pretende ser amigo.

À medida que o carro se aproxima do local onde o Aja vai sair, começo a ficar com as palmas das mãos suadas. Olho de relance para ele. Está perfeitamente imóvel, a olhar em frente.

— Hoje venho buscar-te — digo-lhe, apenas para quebrar o silêncio, embora tivéssemos falado sobre tudo isto na noite anterior. — Mas a partir da próxima semana, começas a apanhar o autocarro para casa.

Ele não me responde e eu sei que é porque detesta que eu repita instruções.

A funcionária que está a acolher os veículos — uma mulher de olhos engelhados, com ar de avó, e uma faixa laranja pendurada sobre a barriga redonda — abre a porta do carro que está à nossa frente, e um homem com uma mochila pendurada ao ombro sai do banco traseiro. Uma ligeira sensação de pânico instala-se em mim. Terei de acompanhar o Aja até lá dentro? Eles não falavam disso em nenhum dos pacotes de informação.

O homem fecha a porta e eu interrogo-me onde estará a criança, mas, depois, arregalo os olhos ao vislumbrar o rosto angelical do «homem». É apenas uma criança. Uma criança gigantesca. Será esta a aparência dos miúdos do 5.º ano, hoje em dia? Volto a olhar para o Aja, que parece ainda mais minúsculo e frágil sentado no banco estofado. Pergunto a mim mesmo se será tarde demais para virar bruscamente o volante e fugir do parque de estacionamento, talvez até conduzir de volta a New Hampshire.

Estará ele a pensar no mesmo?



— Eric? — diz o Aja num tom de voz sumido, e o meu coração despedaça-se um pouco.

— Sim, companheiro.

Ele encara-me com aqueles grandes olhos e eu tento reunir toda a confiança que me falta, para lhe assegurar que aquela é *a atitude certa*, e que vai ter um grande dia. Que o enorme aluno do 5.º ano, que muito provavelmente controla crianças como o Aja no recreio, roubando-lhes o dinheiro do almoço ou puxando-lhes a roupa interior, vai ser um bom rapaz, e ficará amigo dele, pela paixão que ambos nutrem pelos os X-Men.

— Podemos arranjar um cão?

— O quê? — digo, desviando bruscamente os olhos da assustadora criança-homem, que está agora a apertar a mão ao diretor, a meio caminho da entrada. São quase da mesma altura. Estremeço e rezo para que o Aja não repare.

— Um cão. Podemos arranjar um?

— O quê? Não. — Paro o carro em frente à entrada da escola e engato-o. A funcionária leva a mão ao puxador, para abrir a porta a Aja, mas está trancada.

— Tu prometeste — diz ele, ignorando a funcionária, que o olha através da janela com um ar expectante.

— Quando? Destrava a tua porta.

— Tu disseste que quando o peixe morresse podíamos ter um cão. E o peixe morreu.

— Morreu? — pergunto, esperando parecer surpreendido. Carrego ao de leve no botão para destravar a porta, no meu painel, e a velhota volta a experimentar o puxador, mas o Aja carrega imediatamente no travão da porta.

Eu dirijo à senhora um sorriso forçado e levanto um dedo.

— Pois. Só não percebo como não deste por isso quando o estavas a alimentar, esta manhã.

— Hum — digo eu. O condutor atrás de nós pendura-se na buzina. Olho de relance pelo retrovisor e vejo uma mãe a olhar-me furiosa. O meu coração dispara. — Falamos disso mais tarde. Tens de entrar na escola.

O Aja ajusta os óculos e cruza os braços.

— Só quando me disseres que vamos arranjar um cão.

Volto a ouvir a buzina.

— Aja! Não temos tempo para isto.

Volto a carregar no botão para destravar a porta e o Aja volta a travá-la. A funcionária parece perplexa, como se nunca antes tivesse visto um miúdo que não quisesse sair do carro. Olho para trás dela e vejo o diretor da escola começar a caminhar em direção ao carro. Uma gota de suor escorre-me pela testa.

Mas depois lembro-me da cadeira de rodas e sinto-me inspirado. Pelo menos seria mais uma moeda de troca.

— E que tal se eu encontrar a cadeira de rodas e depois pensar em arranjar o cão?

Pi-pi-PI-PIIIPIIIIIIIIIIIIIIIIIIIII. Resisto à tentação de abrir a janela do carro e gritar à condutora para ter calma, apertando o volante com tanta força que os meus dedos ficam sem pinga de sangue.

O rosto de Aja ilumina-se e eu convenço-me de que ganhei, mas depois ele volta a cruzar os braços e senta o traseiro mais firmemente no banco.

— A cadeira de rodas e o cão — diz ele, sobre o estrépito da buzina que agora se tornou contínuo. Nunca imaginei que as filas de carros nas escolas suburbanas fossem tão agressivas.

— Aja! Sai-já-do-carro. — Os meus dentes estão de tal forma cerrados que pareço ter os maxilares presos com arames.

Ele não se mexe. Limita-se a olhar para mim, indiferente ao facto de termos uma fila inteira de pais a amaldiçoarem-nos, dentro dos carros, mas eu percebo que também não devo ceder. Que um bom pai manter-se-ia firme, e não premiaria um comportamento manipulador como aquele, deixando que a criança levasse a melhor.

Juntam-se outras buzinas à primeira. PIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIIII III-PI-PIIIIIIIIIIIII!

Mas que se danem os deveres parentais. Só quero mesmo é que aquela maldita buzina se cale.

— Está bem! — digo. — A cadeira de rodas e a merda do cão!  
— Ao mesmo tempo, o Aja destrava o fecho, abre a porta do carro,

e a palavra «merda» ecoa pelo ar, ficando como que a pairar no recinto da escola.

O diretor para bruscamente, e as estranhas sobranceiras grisalhas da funcionária erguem-se quase até meio da testa.

A buzina calou-se, o ar está parado, e todos os que se reuniam à entrada da escola estão de olhos pregados em mim. O Aja salta tranquilamente do carro, pendura a mochila ao ombro, e dirige-se para a porta principal.

Eu respiro fundo, com o rosto vermelho de embaraço.

— Dá cabo deles, fera! — grito eu a Aja. Depois, levo a mão ao puxador, bato a porta do carro e engato a primeira.



De regresso a casa, sirvo-me de uma terceira caneca de café e sento-me à mesa da cozinha, onde o Aja tentara incendiar a caixa de cereais uma hora antes. Derreado, embora não sejam ainda 8h30 de manhã, esfrego o queixo com a mão, no sentido inverso dos pelos, sentindo já a barba a despontar. Por volta do meio-dia é como se não a tivesse feito, e ainda não encontrei uma lâmina que resolvesse isso, por muito «vanguardista» que a tecnologia para a barba conste ser. (Tecnologia de Lâminas? Com franqueza! Quem inventará essas coisas? Os cientistas da NASA?). Só começo a trabalhar para a semana, mas quase me apetece ir para o escritório, para que possa, pelo menos, sentir-me competente em alguma coisa.

A avaliar pelos acontecimentos desta manhã, não será certamente pelas minhas qualidades de pai.

E como as coisas dificilmente poderiam piorar nesse domínio, pego no telemóvel e envio uma mensagem à Ellie. Há mais de quatro meses que não me responde, mas isso não me impede de tentar.

Acabo de chocar o novo diretor do Aja e uma sinaleira com ar de avó, ao dizer acidentalmente a palavra «merda». Achei que acharias piada. Adoro-te, bochechinhas. Pai.

Eu sei que não preciso de assinar as mensagens. A Ellie ensinou-me isso há dois anos, ao espreitar por cima do meu ombro quando eu estava a mandar uma mensagem e a assinei com Eric.

— Paaaaai — disse ela, proferindo o meu nome num tom arrastado, como começara a fazer ultimamente, a sua nova forma de me dizer: *és a pessoa mais estúpida à face da Terra*. — Sabes que quando mandas uma mensagem, a tua identificação aparece automaticamente? E toda a gente sabe que a mensagem é tua? — Foi também por esta altura que começou a terminar todas as frases com uma inflexão ascendente, como se todas as afirmações fossem, de certa forma, uma pergunta. Bastou-me ouvir as amigas dela para perceber que aquela era uma fórmula linguística típica das adolescentes. Cheguei mesmo a interrogar-me se, ao entrarem para o secundário, receberiam um manual de instruções, indicando-lhes como deveriam falar, vestir-se, e armar-se em arrogantes com os pais.

Seja como for, eu não sabia que era uma redundância assinar mensagens e fiquei satisfeito com a lição, mesmo que a forma de a transmitir fosse um nadinha arrogante.

Mas continuo a assinar as minhas mensagens para a Ellie, porque gosto de a imaginar a revirar os olhos com as palhaçadas do pai. Espero até que a façam rir um pouco. E talvez me agrade também lembrar-lhe que é exatamente isso que eu sou — o seu pai — mesmo que ela não queira falar comigo.

Carreguei em «enviar» e servi-me de mais uma caneca de café.  
Amanhã começo a cortar no café — *amanhã*.

## ***Uma vez, um rapaz beijou-me e eu quase morri...***

Jubilee Jenkins é bibliotecária e uma mulher muito invulgar: é alérgica a humanos. Qualquer toque pode efetivamente matá-la. E por isso se isolou de tudo e de todos durante nove anos, rodeando-se apenas de livros. Até ao dia em que uma notícia inesperada a leva a ter de enfrentar o mundo novamente. Está na hora de sair da zona de conforto! Armada com luvas de proteção e uma bicicleta, ela aventura-se finalmente porta a fora, em direção ao seu futuro.

Uma das pessoas com quem Jubilee está destinada a cruzar-se é Eric Keegan. Divorciado, com uma filha que não lhe fala e um filho adotivo que acha que tem poderes sobrenaturais, ele é um homem com muita bagagem. Quando conhece Jubilee — entre as estantes da biblioteca da sua nova cidade —, ele encontra um pouco de luz na sua vida. Só não esperava que esta mulher tivesse tanto de bela como de excêntrico...

**Uma história de amor bem-humorada e ternurenta,  
para aqueles que sempre desejaram algo  
— ou alguém — fora de alcance.**

**«Um amor de tirar o fôlego e que vai contra todas  
as probabilidades. E duas pessoas que se  
encontram no momento em que ambas  
estão a aprender a viver novamente.»**

**Anna Todd, autora bestseller.**

<p><b>TOPSELLER</b> os livros em primeiro lugar <b>20 20 editora</b></p>	<p>ISBN 978-989-8869-35-7  9 789898 869357 Ficção Romântica</p>
--	--